

# O racismo nas polícias (e o racismo das polícias)

Aeronaves que transportam 300 quilos de pasta base de cocaína são próprias do grande poder econômico, que está fora do escopo das abordagens policiais cotidianas

**Gilvan Gomes da Silva**

17 de novembro de 2020

Poucas são as agências estatais que trabalham em todos municípios do Brasil. Menos ainda são as que têm a responsabilidade de garantir ou mediar os direitos individuais e coletivos. Todavia, há um paradoxo quando uma das poucas instituições com estas premissas é a mesma que garante e fere direitos. Paradoxo maior quando os agentes desta instituição também são oprimidos pelas próprias práticas, em um ciclo vicioso. Este é o dilema das ações policiais na sociedade sem democracia, nos termos de Florestan Fernandes, e que está estruturada historicamente pelo racismo, como apontado por Silvio Almeida.

Os policiais, a partir do arcabouço legal vigente, têm o dever de garantir os direitos humanos. Ao ser notificado, os policiais devem iniciar todos os ritos que possam resultar no processo judicial. Também não são raros os casos em que os policiais são vítimas de racismo em ocorrências que se apoiam no mesmo conjunto legal. Todavia, estes são os típicos crimes identificáveis e individualizados. Estas relações já foram recebidas na esfera jurídica a partir de um debate da cidadania, do indivíduo. O que falta ainda ser problematizada é a institucionalização do racismo nas práticas policiais e o quanto estas ações contribuem na sedimentação do racismo estrutural, que além da esfera do Direito, esbarra nas esferas da Política, do Social, da Economia e da Cultura. Enfim, esbarra no que se entende por democracia.

Isso fica nítido quando analisamos os dados de pesquisas que colaboram para a reflexão do tema. Desde a pesquisa realizada no Distrito Federal, em 2009, por pesquisadores (Nevis/UnB), à pesquisa recente realizada em colaboração de grupos no Distrito Federal (PPGSOL/UnB), Minas Gerais (NESP/FJP), Rio Grande do Sul (GPESC/PUCRS) e São Paulo (UFSCar/GEVAC), nota-se que os padrões são semelhantes. As ações são diferenciadas entre brancos e negros, e entre os territórios destes grupos. Assim, a institucionalização, ou melhor dizendo, a normalização de ter pessoas negras como suspeitas, é a tônica orientadora das ações policiais. Há de três a sete vezes mais abordagens em negros do que em pessoas brancas; quanto à letalidade policial, ser negro aumenta 2,8 a cinco vezes a chance de morrer quando comparado a pessoa branca. Interessante destacar que os policiais negros, maioria da base hierárquica, percebem que, quando fora de serviço, são abordados por serem negros. Mas não reconhecem que abordam as pessoas por serem negras.

O racismo institucionalizado transpassa da relação policial e indivíduo e também ganha contornos potencialmente fatais nas operações. A abordagem é o primeiro filtro para tornar opaca a estatística e retroalimentar a narrativa da justificativa das abordagens e das operações em pessoas e territórios negros. A letalidade das operações em alguns territórios negros ficou nítida quando houve a determinação do STF em reduzir operações nas comunidades do Rio de Janeiro a operações indispensáveis, o saldo foi uma queda de 73% nas mortes provocadas em operações policiais.

O discurso da produção policial de apreensão de drogas e armas, própria da política de combate ao criminoso e não à criminalidade, é direcionado às pessoas e territórios negros. Mesmo com evidências que brancos de classe média traficam, a lógica das operações não muda. São raros os depoimentos semelhantes ao do então Comandante da ROTA, grupo tático especializado da Polícia Militar de São Paulo, quando falou que as abordagens devem ser diferentes dependendo do território, e que estava nas entrelinhas da entrevista que o poder presente nos territórios brancos de classe média alta dificultaria as ações e os “policiais não tem o mesmo respeito”. Não ser abordado sem fundamentação legal, não ter o risco de morrer pela troca de tiros das incursões policiais são direitos humanos respeitados apenas para os brancos e para os territórios nitidamente com poder político-econômico.

Ultimamente, tem chamado atenção a quantidade de acidentes aéreos de aeronaves de traficantes. A operação policial do famoso caso do Helicoca é um símbolo da relação tráfico e política de combate às drogas. É um caso em que até o momento não há culpados sentenciados, mas que envolve uma rede especializada e de alto poder político, econômico e social. Outros casos semelhantes são noticiados, todavia, a “descoberta” se dá pelos acidentes aéreos e não por operações policiais. Em média as aeronaves transportam de 300 quilos de pasta base de cocaína, avaliados em mais de 10 milhões de reais. Esta rede de traficantes que opera aeronaves tem cursos especializados, opera com milhões de reais por viagem, que exige operações financeiras especializadas, contatos internacionais, entre outras características que são próprias da classe da sociedade com grande poder

econômico e que está fora do escopo das abordagens policiais cotidianas ou que o simples policiamento ostensivo, próprio das Polícias Militares, não alcança.

Neste sentido, as vítimas das políticas de combate ao criminoso continuam sendo o povo negro. Tanto as pessoas abordadas como instrumento de controle, quanto moradores dos territórios e policiais que morrem ou que são violentadas psicologicamente com o ambiente de guerra constante que estão sujeitos ao paradoxo e à lógica da política de segurança pública, que é uma expressão do racismo estrutural, pois é próprio da sociedade estratificada pela concentração de poder político, econômico, social, cultural e jurídico; próprio de uma sociedade sem democracia.

**Gilvan Gomes da Silva**

2º Sargento da Polícia Militar do Distrito Federal, doutor em Sociologia, professor do Instituto Superior de Ciências Policiais (PMDF) e pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Violência e Segurança (UnB)

---

[https://www.fontesegura.org.br/pro\\_sao-policia/8zuh69f3fk](https://www.fontesegura.org.br/pro_sao-policia/8zuh69f3fk)

